



A TRAJETÓRIA DO FEMINISMO NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA BRASILEIRA: ESPAÇOS E CONQUISTAS

Gabriela Fonseca Tofanelo
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

RESUMO

Historicamente, o discurso predominante na literatura sempre foi do ponto de vista do cânone masculino. Discursos estes que acabavam por reforçar os ideais patriarcais acerca da inferioridade e submissão da mulher. Enquanto que à mulher, lhe era negado o papel de escrever. Com as diversas conquistas do movimento feminista em vários âmbitos, como o social, político e econômico, verificou-se uma grande alteração nesse painel histórico: a mulher deixa de ser somente representada pelo discurso masculino e passa também a representar, ela mesma, seus próprios personagens e ideologias. Portanto, o que esta pesquisa busca é analisar essa trajetória da literatura de autoria feminina brasileira, desde o século XX até a passagem para o XXI, embasada em conceitos e teóricos da pós-modernidade, bem como pela crítica literária feminista. Como corpus, serão percorridos aspectos recorrentes de uma mudança de paradigmas na autoria feminina a partir da literatura contemporânea em três obras: *Dois Rios*, 2011, de Tatiana Salem Levy; *Por Escrito*, 2014, de Elvira Vigna; e *A Vez de Morrer*, 2014, de Simone Campos.

Palavras-chave: Feminismo; Autoria feminina; Elvira Vigna. Simone Campos; Tatiana Salem Levy.

INTRODUÇÃO

Ao olhar para a história, é notável o fato de que, por muito tempo, a mulher ficou excluída do âmbito da literatura. Assim como em diversas outras áreas, o espaço da escrita literária era reservado somente aos homens, donos dos consagrados “cânones literários”. Algumas mulheres que quiseram se inserir nesse meio tiveram de o fazer às escuras, por meio de pseudônimos, como bem pontua a

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



pesquisadora Luísa Lobo (1998, p. 5), demonstrado no excerto abaixo:

Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no sério mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos.

Porém, não há como negar que mesmo não possuindo a chance de escrever, as mulheres sempre ocuparam lugar de destaque na literatura. Eram sempre representadas nas literaturas canônicas como personagens, muitas vezes protagonistas, dos livros de autoria masculina, ou seja, não possuíam voz própria, eram representações pela voz do outro, o homem. Exemplos, temos vários: *Capitu*, de Machado de Assis em *Dom Casmurro*; *A Moreninha*, de Joaquim Manuel Macedo, *Iracema*, *Senhora*, *Lucíola*, todas de José de Alencar, entre tantas outras.

Diante disso, a filósofa Judith Butler, em seu livro *Problemas de Gênero* (2011), preocupa-se com este fato e aponta que, na verdade, a mulher foi, todo esse tempo, não apenas representada, mas mal representada na literatura. Butler afirma que o discurso feito pelo outro é sempre uma versão, nunca consegue representar na totalidade e com fidelidade; e ainda, é feito com determinados objetivos.

Acerca do conceito de representação, tem-se múltiplos significados, entre eles, um que aponta para o ato de fazer as vezes de representar a realidade, a sociedade e contexto histórico em que estão inseridos, ou seja, marcas culturais que sempre afetam o modo como o discurso é produzido.

Por isso, tem-se que, por muito tempo, as representações de personagens femininas na literatura foram realizadas de acordo com estereótipos culturais da época, ditados pelo sistema patriarcal, como exemplifica a pesquisadora e professora Lúcia Osana Zolin (2009, p.226): “o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz e, entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam”, sendo somente

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



esta última, a de anjo, vista com uma conotação positiva.

Com o advento do movimento feminista, a partir da década de 60, e as diversas conquistas femininas empreendidas pelo mesmo, em muitos âmbitos como social, econômico, político, e literário, a mulher passa a ter chance de representar, ela mesma, seus próprios personagens.

Antes de cumprir o objetivo de analisar mais profundamente a literatura feminina contemporânea possibilitada, portanto, pelas conquistas do movimento feminista, é relevante periodizar o percurso histórico da escrita literária feminina. A pesquisadora americana Elaine Showalter (1985) dividiu a literatura inglesa em três etapas: a feminina (1840-1880), em que eram repetidos os padrões tradicionais ainda vigentes na sociedade, ou seja, masculinos, e pelo fato de a mulher não poder escrever, eram adotados pseudônimos; a feminista (1880-1920), marcada pelo protesto à exclusão, questionamentos de suas próprias condições, por parte das mulheres; e, por fim, a fêmea, de 1920 até a atualidade, que eclodiu com a conscientização de sua autorrealização.

A pesquisadora Elódia Xavier, em seu artigo intitulado “Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória” (1998), adaptou, com algumas alterações de ordem cronológica, estas mesmas fases para a trajetória da autoria feminina na literatura brasileira.

Assim, tem-se: a fase feminina, a partir de 1859, com o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, no qual a mulher obtinha um caráter pejorativo, frágil e indefeso, por estar presa ainda ao modelo patriarcal vigente na época; a fase feminista, em 1944, com *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, em que a mulher passa a questionar sua situação já evidenciada no movimento feminista; e a partir de 1990, surge a fase fêmea ou mulher, com uma literatura voltada para a autonomia da representação feminina, sem mais serem necessários os questionamentos anteriores em que a mulher tem uma chance nunca antes permitida para que “expresse a sua sensibilidade a partir de um ponto de vista e de

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





um sujeito de representação próprios, que sempre constituem um olhar da diferença” (LOBO, 2010).

Nesse sentido, tem-se que ao passo em que o movimento feminista foi avançando e se consolidando, igualmente a literatura de autoria feminina sofreu alterações. Passou de uma situação de reprodução de estereótipos machistas, para o questionamento acerca dessa condição da mulher. Nesta segunda fase, não só Clarice Lispector se fez presente com diversas publicações. Autoras como Lygia Fagundes Telles, Nélide Piñon, Lya Luft, e diversas outras, ocuparam espaços importantes na representação das personagens, quase sempre, femininas: mulheres donas de casa que passam por um momento de reflexão e questionam o seu papel dentro da sociedade, dentro de suas casas, seus casamentos. É um momento muito importante para a literatura, é a percepção acerca da condição de submissão da mulher ao homem.

A considerável produção literária de autoria feminina, a partir de então, teve o papel de desestabilizar a legitimidade tradicional da representação da mulher na literatura canônica, que em nada condizia com a grande multiplicidade de identidades femininas. Por isso, a crítica feminista cresce, cada vez mais, desde a década de 1980, no Brasil. O resultado de pesquisas embasadas nesta crítica aponta para uma reestruturação da própria identidade feminina representada na literatura, em seus desejos, ambições e trajetórias, afastando as mulheres do modelo tradicional, e por tanto tempo divulgado, imposto pelo sistema patriarcal.

Com isso, não se pretende dizer que o feminismo se esgotou. Pelo contrário, as mulheres precisam se unir muito ainda e lutar por direitos iguais aos dos homens e ideologias ainda marcadas pelo machismo, resquícios desse passado patriarcal. Porém, o que se pode observar, e consta como objetivo de tal pesquisa, é a mudança no modo de escrever ficção. Se antes, como supracitado, a mulher não podia representar, era somente (mal) representada, ou se quando passou a ter voz, o fazia ainda sob o ponto de vista dos moldes tradicionais de representação e de ideologia marcadamente patriarcal, interessa a esta pesquisa analisar a terceira fase

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





citada, a fase fêmea, ou seja, a literatura contemporânea, mais especificamente, neste caso, a do século XXI.

A AUTORIA FEMININA NO SÉCULO XXI

O interesse em percorrer três autoras diferentes, ao invés de analisar mais a fundo apenas um romance, encontra a justificativa de que é necessário perceber algumas recorrências para, de fato, apontar algumas características da literatura de autoria feminina contemporânea.

Tatiana Salem Levy estreou na literatura com *A Chave da Casa*, em 2007, o que logo de início, já lhe rendeu o prêmio São Paulo de Literatura, como melhor livro de autora estreante, além de finalista no aclamado Prêmio Jabuti e tradução/publicação em diversas línguas. *Dois Rios*, 2011, é apenas o segundo romance da autora. Publicou também alguns livros infantis, coletâneas de contos e, seu último trabalho é de 2014: o romance intitulado *Paraíso*.

Já tendo percorrido um longo percurso, Elvira Vigna possui uma vasta obra. O seu primeiro romance, *Sete Anos e um Dia*, data de 1988. Depois disso, já escreveu outros oito romances, além de muitas obras de literatura infanto-juvenil e contos. Muitas de suas obras já foram, inclusive, premiadas com grandes títulos, como o Prêmio Jabuti, entre outros. *Por Escrito*, 2014, é seu último romance.

A Vez de Morrer, 2014, é o quarto romance de Simone Campos, que também possui muitas outras publicações como contos e *e-books*.

Diferentemente de épocas anteriores, o conceito de mulher construído segundo os moldes do patriarcalismo, marcado pelo espaço dos muros da casa, ligada à função de dona de casa, pelo silenciamento e submissão, pelo papel na maternidade incondicional e pela busca do casamento, enfim, está ausente nas representações dessas autoras.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





As problemáticas abordadas nessas obras são outras, como questões relativas à pertencimento, descolamentos, imigração, cultura; e, principalmente, a questão da identidade em um contexto caótico e fragmentado.

São responsáveis por uma drástica mudança de paradigmas ao representar e construir personagens condizentes com o tempo em que elas se inserem, desolador e anárquico.

No âmbito estético, os romances também se configuram como subversão dos moldes tradicionais. Em Elvira Vigna, por exemplo, encontra-se o narrador não confiável, termo que foi cunhado pelo crítico literário Wayne Booth (1980), em que põe em discussão as verdades e as mentiras da narrativa, ponto que não era colocado em questão até o século XX, com as narrativas tradicionais. Porém, desde então, foram muitas as mudanças significativas na sociedade em que não é mais possível a um escritor criar personagens e narradores que tudo sabem, conhecem e viram.

Ainda no plano estético, *Dois Rios*, possui dois narradores diferentes, ou seja, o/a leitor/a é apresentado a dois pontos de vista diferentes, relatando, praticamente, quase a mesma história.

Outro aspecto fundamental é a questão do espaço. Tem-se que em narrativas do início do século XX até o seu final, o espaço tradicional de representação feminina era o doméstico, ou seja, a casa como simbologia da família patriarcal, lugar contestado e problematizado a partir da década de 60.

O local da casa sempre foi tão recorrente na literatura enquanto espaço próprio da mulher que a pesquisadora Elódia Xavier, redigiu um livro intitulado: *A casa na ficção de autoria feminina*, 2012, em que percorre diversos romances de escritoras brasileiras nos quais a casa, muito além de simples edificação, assume diversos papéis, como: couraça, proteção, jaula, fortaleza, acolhida, ausente, entre muitas outras. Além de percorrer diversos romances analisando o papel da casa, percebe-se que muitos deles subjazem ideologias marcadas pela diferença dos gêneros.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Nos romances do século XX analisados pela pesquisadora, a casa possuía o papel de ninho, de proteção da mulher, alternando, por vezes, para a função de jaula quando a mulher refletia e questionava o seu papel ali.

Já no século XXI, as casas representadas nos romances, segundo a pesquisadora, são predominantemente 'topofóbicas', isto é: "a casa ou é provisória ou é ausente, ou são muitas" (Xavier, 2012, p. 163).

Em *Por Escrito*, Elvira Vigna representa essa casa ausente, abordando outra questão característica da contemporaneidade: o deslocamento. A protagonista desta narrativa vive em um ritmo alucinado de um trabalho em que ela precisa constantemente viajar. Vive de aeroporto em aeroporto, de hotel em hotel; não possuindo um local específico para morar. Quando se desloca, o ser humano se vê diante de uma questão crucial: o sentimento de pertença. O ato de migrar traz consigo conflitos que tanto podem levar ao enfraquecimento dos traços de afinidades de cada sujeito ao seu lugar de origem, à total perda de suas raízes, como também ao reestabelecimento da identidade por meio da conciliação entre a cultura do país que ora habita e aquela de seu país natal.

Já no caso de *Dois Rios*, o deslocamento é ainda mais importante para os irmãos gêmeos, um homem e uma mulher, protagonistas da narrativa. Ambos passaram por fatos parecidos em suas vidas, porém, em locais distintos. Antes, sempre juntos, a morte do pai na adolescência afetou para sempre o relacionamento entre os irmãos, que reagiram de formas diferentes em relação à morte. Joana fica presa à casa, refém da compulsão e costumes doentios de sua mãe. Antônio viaja o mundo por anos. Um fato muda a história dos dois: Ambos se apaixonam pela mesma mulher. E, depois disso, os fatos se invertem: Joana é quem vai embora, deixando todas as responsabilidades para trás. Enquanto Antônio se vê obrigado a ficar confinado na casa, com sua mãe.

Nesta perspectiva, saltam aos olhos as diversas situações durante a narrativa em que todos os personagens parecem não pertencer a lugar algum, não terem encontrado sua identidade, o que se observa é que, para eles, ter a identidade é

Realização:



Apoio:

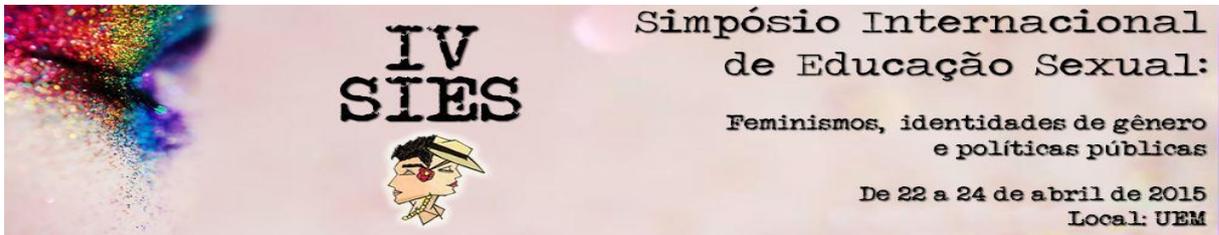


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





buscar uma suposta liberdade. Sobre isso, Antônio reflete: “Desde então, não descansei. De vez em quando passo pelo Brasil, na casa da minha mãe, e reforço a certeza de não pertencer a lugar algum, de querer continuar perambulando por terras desconhecidas, encontrando pessoas que mal posso imaginar” (LEVY, 2011, p. 120).

Já Joana, ao estar na França coloca: “Agora a estrangeira sou eu. Sou eu que não reconheço os códigos, os lugares, a maneira de agir, de gesticular: a vida alarga” (LEVY, 2011 p. 100).

Ou seja, nesse caso, a casa representa um local de confinamento, que lhes cerceia a liberdade. O deslocamento, a opção por viajar é para fugir desse local opressor, e com isso, ter a suposta liberdade.

Nesse sentido, as obras aqui analisadas permitem a leitura como um típico romance da sociedade contemporânea, ou como intitula o sociólogo Bauman (2011), “a líquido-moderna ou fluída”, com um crescente sentido de individualização trazendo possibilidades a cada sujeito mas também traz a tarefa de lidar com as consequências que seriam, entre outras, o vazio existencial, a falta de solidez nas relações humanas, a busca incansável da identidade e a solidão irremediável.

Outro ponto verificado em tais romances é que as personagens não desempenham funções atreladas ao papel feminino, constantemente retratado na sociedade, sempre representados nas narrativas tradicionais, como, por exemplo, com questões relativas ao casamento e à maternidade. As personagens vivenciam problemáticas que não são específicas de um gênero.

Izabel, protagonista de *A Vez de Morrer*, vive muito bem a mudança de mentalidade que propõe o sociólogo Alain Touraine (2007): a passagem da mulher-para-o-outro para a mulher-para-ela-mesma. O pesquisador propõe ainda que a mulher, agora com o direito de representar, não o faz para o outro e sim para ela mesma.

Aspectos como sexualidade, desejo e corpo são, nesta obra, uma “construção de si” e “a si”, que enfatiza Touraine (2007, p.56). Por muito tempo a mulher era foi representada na literatura como objeto de desejo do homem. Izabel aborda sua

Realização:



Apoio:



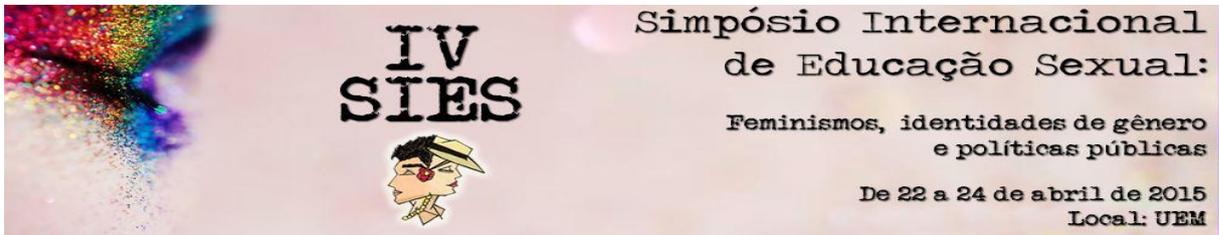
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



própria sexualidade enquanto desejo, dela mesma. Relata diversos parceiros e parceiras sem qualquer questionamento ético e moral na obra, refletindo bem “a mulher-para-ela-mesma”.

As demais personagens destes romances, assim como Izabel, vivem as suas vidas sem estar atreladas à função de dona de casa, ou mãe, ou até mesmo, parceiras ou esposas etc, representando, assim, um grande avanço em relação a tantas obras canônicas e tradicionais em que as mulheres possuíam aspectos e funções determinadas e ditadas pelos moldes do patriarcalismo.

As narrativas de autoria feminina discutidas neste artigo representam a angústia de personagens em busca de uma identidade própria, livre da oposição binária homem/mulher, com problemáticas outras que não as de gênero, demonstrando um importante avanço para os estudos de gênero e para a crítica literária feminista.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

BOOTH, Wayne. **A Retórica da Ficção**. Trad. Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Artes e Letras/Arcádia, 1983.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2003. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2011.

LEVY, T. S. **Dois rios**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LOBO, Luísa. **Literatura de autoria feminina na América Latina**. Rev. Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<http://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm>> Acesso em 09 de abril de 2015

VIGNA, Elvira. **Por escrito** São Paulo: Companhia das Letras, 2014

XAVIER, Elódia. **A casa na ficção de autoria feminina**. Florianópolis: Mulheres, 2012

XAVIER, Elódia. **Narrativa de autoria feminina brasileira: as marcas da trajetória**. Rev. Mulher e Liter., Rio de Janeiro: 1998. Disponível em: <http://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm>. Acesso em: 27 abr. 2011.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Literatura de autoria feminina**. In: ZOLIN, Lúcia Osana; BONNICI, Thomas. Teoria Literária. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

Realização:



Apoio:



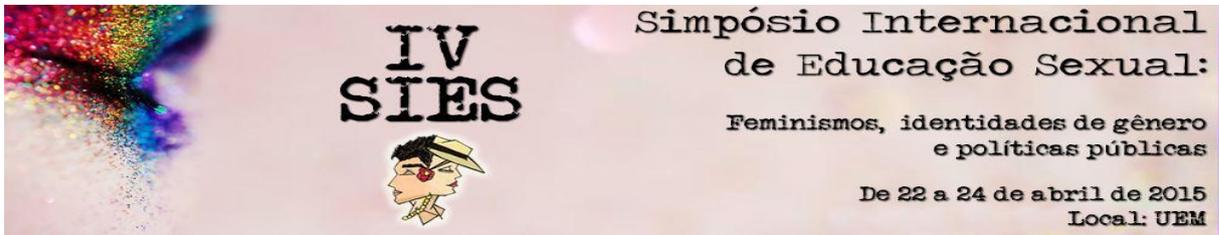
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



ABSTRACT

Historically, the dominant discourse in the literature has always been the male canon point of view. Speeches these that ultimately reinforcing the patriarchal ideals about the inferiority and submission of women. While the woman, it was denied the role of writing. With the various achievements of the feminist movement in various areas, such as social, political and economic, there was a major change in this historical panel: a woman ceases to be only represented by male discourse and also happens to represent herself, her own characters and ideologies. Therefore, this research aims to analyze the trajectory of Brazilian female authors literature from the 20th century until the transition to the 21th century, based on concepts and theory of postmodernity, as well as by feminist literary criticism. As corpus, will be traveled recurring aspects of a paradigm shift in female authors from the contemporary literature in three books: *Dois Rios*, 2011, Tatiana Salem Levy; *Por Escrito*, 2014, Elvira Vigna; *A Vez de Morrer*, 2014, Simone Campos.

Keywords: Feminism ; Female authorship ; Elvira Vigna . Simone Campos; Tatiana Salem Levy .

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:

